



UM PAÍS DE PARDOS
ou
DO ELOGIO DO CINZENTO

por Henrique Ruivo *

"Neste País foi sempre assim.
Sujeito que tenha uma idéia,
já sabe: dão-lhe baixa!"

Eça de Queiroz

Em Agosto passado lembro-me de ter lido num jornal diário um artigo atacando o que se chamava de "ilusionismo" da candidata à Presidência da República Maria de Lurdes Pintasilgo por querer apresentar soluções cor-de-rosa para uma situação de crise muito cinzenta. Neste artigo, desassombadamente sombrio, enaltecia-se assim a nossa parda condição de cidadãos cinzentos num país onde tudo é negro. Passar do negro ao cinzento era talvez já um passo espectacular na nossa inapercebível marcha para o branco ou seja para a luz.

Mais ou menos na mesma altura a jornalista Margarida Marante, no seu programa televisivo de entrevistas, perante algumas opiniões da mesma candidata sobre o valor (e poder) dos grupos de opinião dos cidadãos, da descentralização cultural e da criatividade local que já se verifica em muitos outros países, contestava atónita: "Mas como é isso possível, se nós somos um país pobre?!" Conclusão iluminada esta que por outras palavras queria dizer: "Pobre não tem direito à imaginação". Não percebia Margarida Marante que foi por Portugal ser miserável que se meteu a caminho dos mares e fez a gesta das Descobertas. Se fosse rico teria ficado aqui sentado à lareira. Ou dizendo por outras palavras: "A necessidade foi mestra de engenho".

Mas parece ser sempre certo que para o português médio e melhor é pôr o engenho na estanha e ir trabalhar por conta dos países engenheiros. Já lá dizia um notável cacique de antigo regime: "Investigação científica para quê? A gente vai lá fora e copia e que por lá se faz". Santo homem que continua no Brasil e ainda não foi reintegrado. Cabeças destas é que nós cá precisamos ...

Isto tudo vem de certo modo à colação pensando no presente

leque de candidatos para as Presidenciais e no que cada um deles poderá representar de paulatino retrocesso, de sonolenta estabilidade ou de procura de soluções novas, actuais e dinâmicas.

A defesa da democracia não passa apenas pela inalterável manutenção das instituições e pelo respeito de alguns diplomas legais. Sabemos que em muitos aspectos as leis são omissas, começando pela própria Constituição e como essa margem de omissão pode ser interpretada para fazer rodar para trás o carro da História. Mas depende muito da perícia e capacidade de conduter fazê-lo andar para a frente sem derrapagens nem danos nos passageiros.

A coisa pública é um transporte colectivo com passas sociais e mal não ficará aos utentes (que somos todos) se for preciso dar um empurrão de vez em quando para ganhar velocidade.

Parece-me por isso muito importante o aspecto sócio-cultural (além do económico) que Maria de Lurdes Pintasilgo acentua na sua proposta de gestão. É sempre difícil estabelecer objectivos e prioridades, dizer-se a prioridade começa pelo bem estar económico para depois atingir o cultural ou se incrementar desde logo a cultura. Mas que o abaixamento cultural de um país só muito entrava a invenção de soluções sociais e económicas parece não ter dúvida. Será no conjunto dos cidadãos, de todos os cidadãos, na discussão muito generalizada e muito informada que estaremos em condições de opinar sobre a procura dos caminhos mais ineváveis e viáveis.

É nessa participação empenhada de cada um na sua parcela de poder que poderá efectivamente levar a um salto de qualidade na nossa identidade de país europeu, terceiro-mundista e universal (ou não seremos nós tudo isto?).

A procura da identidade nacional é eminentemente cultural e assenta no evidenciar, através de variadas estruturas orgânicas, das várias características de expressão de um povo ao longo dos tempos. A cultura é feita de todos os momentos de adaptação e criatividade que cada geração vai somando ao património existente e por isso cada geração -como cada governação- dará ou não o

seu contributo para essa bola de neve. Na nossa necrofilia nacional a encenação cultural limita-se em geral à trasladação de cadáveres, confundindo-se os governantes com agências funerárias. Os governantes concebem quase sempre a cultura como o ramo de sal que vai enfeitar a travessa e raramente como uma preocupação de fundo que levará um país a impor a sua entre outras culturas. "Mas não se pode acudir a tudo" -dir-me-ão. Ao que eu responderei que normalmente esta justificação é a de quem não estava a acudir a nada. A verdade é que o bom governante compreende a interligação do económico com o social, o político, o cultural. E quando se deixa definhar a cabeça é porque já se teve a habilidade de massacrar o corpo ... A cultura universal é o somatório de culturas nacionais e a ética mundial dependerá do respeito que cada povo e cada nação tiverem por si próprios e dissem publicamente.

Dizer que o povo é soberano não é nada. É necessário deixá-lo provar isso na prática para que nós não fiquemos pelas figuras de retórica advocrática. O povo é sempre soberano e inventivo e perspicaz e generoso e intuitivo se lhe derem os instrumentos e as ocasiões. Mas se atrofiarmos a colectividade nacional, adeus renascimento; continuaremos apenas a ter uma nação e uma governação que são o espelho uma da outra. A falta de respeito pela cultura tem já que ver -ou tem só que ver- com a falta de cultura e não por acaso temos vinda a assistir a um decréscimo de apoio oficial às iniciativas culturais, ao vergonhoso desleixo quanto ao património nacional. A concepção da problemática sócio-cultural ficou-se tão sómente pelos centros comerciais ... A cultura de um indivíduo não é um depósito de bagagens mas a capacidade de relacionamento das áreas do saber.

Quem estiver à frente de um país para poder ser interveniente na recuperação, manutenção e desenvolvimento de todo o conjunto de aspectos que envolvem o conceito de uma cultura -ou de uma civilização- terá que ter forçosamente uma visão larga e integrada de todas as relações sociais, políticas, culturais, geográficas

cas e temporais. Terá que estar "aggiornato". Ora pelo seu discurso ecuménico, pela percepção das relações entre países desenvolvidos e não, pela sua adesão a uma nova ordem económica, pela compreensão do grande diálogo mundial e da importância mesmo dos países pequenos nesse diálogo, Maria de Lurdes Pintasilgo parece o candidato mais actualizado.

Dizer-se que esta percepção do enquadramento geral, que permitirá dar voz e acção ao particular, é irrealista parece-me estreiteza mental. Poderia ripostar como Gedeão "que sempre que o Homem sonha o mundo pula e avança". Daí que a falsa chamada à razão das consciências tem por vezes um saber consternante e tacanho. Nos anos quarenta um famoso escritor italiano dizia mais ou menos isto: "Há crianças que crescem e ficam sempre crianças: são os poetas. Há outras crianças que crescem e se fazem homens: são os taberneiros".

É evidente -e sempre o foi- que na base da construção da realidade social e cultural esteve muitas vezes a utopia. Von Braun, o inventor dos foguetões que levaram o homem à Lua contava que na base das suas descobertas estava Julio Verne ... E perguntem lá aos psicólogos se na base da criatividade, da sociabilidade e dos fenómenos políticos colectivos não está a emoção. Estando no ano de Pessoa acrescentarei: "Tudo vale a pena se a alma não é pequena".

Mas aqui vislumbro o sorriso: "Poetas! ... Poeta é um lírio ce ou um lírio". Nada disse. Ele até há poetas que foram revolucionários (ainda se lembram de Ho-Chi-Min?) ou chefes de Estado (Senghor, por exemplo)...

Per isso não nos ficamos pela poética. Parece-me isso sim que, em vez da condescendente descrença, o mais importante é a capacidade de mobilização das vontades e da acção colectiva para materializar qualquer coisa que já "anda no ar" pelo mundo fora e que são formas de vivência e solução de problemas equacionados talvez de modo novo mas que têm que ver também com este País, aqui e agora, e com o seu polifacetado relacionamento económico e cul-



tural lá fora, no passado e no futuro. É este o "feeling" para o nesse tempo.

O passado foi mau ou foi assim assim. Mantermo-nos conformistas, cabisbaixos, cinzentemente portugueses, não acham que já chega? Não estamos mais na gloriosa de 1910 nem na seturna e obscura de 1926.

Estamos entrando no sexto dia da (re)criação do mundo.
Abaixe o cinzento!

* Artista Plástico

Fundação Cuidar o Futuro

Este artigo foi entregue ao Afonso Praça de "O jornal" em princípios de Dezembro 1985 (mas não foi publicado).